

PAPA FRANCISCO- DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES-13de maio de 2018 **"A verdade vos tornará livres" (Jo 8, 32). Fake news e jornalismo de paz**

Deus criou tudo, todos e todas para uma grande comunhão. Por isso a Igreja tem a ousadia de se definir como a Casa de todos os homens e o lugar de encontro de todos os homens com Deus (LG 1, Documento do Concílio Vaticano II). Decorre daí a importância da comunicação para a Igreja. Ela não teme a verdade, teme a ignorância e a má informação.

Identidade das Fake News: notícias falsas, dados inexistentes ou distorcidos, tendentes a enganar e até manipular o destinatário; hábeis em capturar sua atenção por explorar emoções imediatas e fáceis de suscitar; circulam em ambientes digitais homogêneos e impermeáveis a opiniões divergentes. Esta *lógica da desinformação* tem êxito, porque, em vez de haver um confronto sadio com outras fontes de informação, acaba por produzir atores involuntários da difusão de opiniões tendenciosas e infundadas.

2. Como podemos reconhecê-las? Há louváveis iniciativas educativas que ensinam a não ser divulgadores inconscientes de desinformação; as iniciativas institucionais e jurídicas empenhadas na definição de normativas que visam circunscrever o fenômeno, e ainda iniciativas, como as empreendidas pelas *tech e media company*, idôneas para definir novos critérios capazes de verificar as identidades pessoais que se escondem por detrás de milhões de perfis digitais.

3. Como defender-nos? O antídoto mais radical ao vírus da falsidade é deixar-se purificar pela verdade. Na visão cristã, a verdade não é uma realidade apenas conceptual, que diz respeito ao juízo sobre as coisas, definindo-as verdadeiras ou falsas. Na Bíblia, reúne os significados de apoio, solidez, confiança. A verdade é aquilo sobre o qual nos podemos apoiar para não cair. Libertação da falsidade e busca do relacionamento: eis aqui os dois ingredientes que não podem faltar, para que as nossas palavras e os nossos gestos sejam verdadeiros, autênticos e fiáveis. Para discernir a verdade, é preciso examinar aquilo que favorece a comunhão e promove o bem e aquilo que, ao invés, tende a isolar, dividir e contrapor. Por isso, a verdade não se alcança autenticamente quando é imposta como algo de extrínseco e impessoal; mas brota de relações livres entre as pessoas, na escuta recíproca. Além disso, não se acaba jamais de procurar a verdade, porque algo de falso sempre se pode insinuar, mesmo ao dizer coisas verdadeiras. A partir dos frutos, podemos distinguir a verdade dos vários enunciados: se suscitam polémica, fomentam divisões, infundem resignação ou se, em vez disso, levam a uma reflexão consciente e madura, ao diálogo construtivo, a uma profícua atividade. E mais: 1. Nunca compartilhe antes de ler; 2. Faça uma busca no Google; 3. Pesquise a reputação do veículo; 4. Veja se a data de publicação é mesmo recente; 5. Use o bom senso e, se possível, consulte as fontes oficiais. E ainda mais: Fique atento a Robôs e Perfis fakes que atuam em pesquisas para manipular estatísticas e direcionar as opiniões das pessoas e eleitores; Importante desenvolver o jornalismo colaborativo.

Por fim, é importante sabermos que as agências de fact checking já existem, desde 1991, e estão aí para ajudar checagem dos fatos. São ao menos 114, em 47 países No Brasil as principais são: Lupa (Folha de São Paulo), Aos Fatos (2015), Uol Confere, Site Boatos.org, Truco, Detector de Mentiras, Efarsas, SaferNet etc.

4. A paz é a verdadeira notícia. Se a via de saída da difusão da desinformação é a responsabilidade, particularmente envolvido está quem, por profissão, é obrigado a ser responsável ao informar, ou seja, o jornalista, *guardião das notícias*. No mundo atual, ele não desempenha apenas uma profissão, mas uma verdadeira e própria missão. Pelo contrário, penso num jornalismo sem fingimentos, hostil às falsidades, a *slogans* sensacionais e a declarações bombásticas; um jornalismo feito por pessoas para as pessoas e considerado como serviço a todas as pessoas, especialmente os sem voz e vez.